

NÃO HÁ TEMPO A PERDER

Enfrentando a crise da poluição plástica antes que seja tarde demais

SUMÁRIO EXECUTIVO



NÃO HÁ TEMPO A PERDER

Enfrentando a crise da poluição plástica antes que seja tarde demais

Um relatório produzido pela Tearfund, pela Fauna & Flora International (FFI), pela WasteAid e pelo Institute of Development Studies (IDS).

Escrito por Mari Williams, Rich Gower e Joanne Green (Tearfund), com o apoio de Elisabeth Whitebread (FFI), Zoë Lenkiewicz (WasteAid) e Dr. Patrick Schröder (IDS).

Agradecemos à Dra. Abigail Entwistle, Dilyana Mihaylova (FFI), Hannah Corbett (IDS), Paul Cook, Melissa Barnston, Ann Hallam, Julia Kendal, Ben Osawe, Simone Vieira (Tearfund), Mike Bird (WIEGO), Professor David Wilson, Dr. Stephen McCauley, Tim Brewer e Dr. Wolf-Peter Schmidt por suas contribuições e comentários.

Tradução: Miriam Machado

Revisão: Wanderley de Mattos Jr

Design: Wingfinger

Foto da capa: Hazel Thompson/Tearfund

A Tearfund é uma agência cristã de assistência e desenvolvimento, que trabalha com parceiros e igrejas locais para levar uma transformação em todos os aspectos da vida às comunidades mais pobres.

A Fauna & Flora International (FFI) é a mais antiga organização internacional de conservação da vida selvagem do mundo. Nossa missão é conservar espécies e ecossistemas ameaçados em todo o mundo, escolhendo soluções que sejam sustentáveis, baseadas em dados científicos sólidos e que levem em conta as necessidades humanas.

A WasteAid compartilha habilidades de reciclagem por todo o mundo: criando empregos verdes, melhorando a saúde infantil e mantendo o plástico fora dos oceanos.

O Institute of Development Studies (IDS) é uma organização global de pesquisa e aprendizagem que promove mudanças equitativas e sustentáveis.

© Tearfund 2019

Publicada pela Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido
learn.tearfund.org

learn.tearfund.org

+44 (0) 20 3906 3906

publications@tearfund.org

twitter.com/tearfundlearn

facebook.com/tearfundlearn

Para informações sobre exemplares impressos e cópias eletrônicas (PDF) deste relatório, escreva para o e-mail publications@tearfund.org

PREFÁCIO

Vi por mim mesmo os efeitos da poluição plástica em alguns dos lugares naturais e das espécies mais preciosas do nosso planeta – o desenrolar de uma catástrofe ignorada há demasiado tempo. Mas nós a ignoramos por nossa conta e risco. Este relatório é um dos primeiros a destacar os impactos da poluição plástica não apenas na vida selvagem, mas também nas pessoas mais pobres do mundo.



© Gary Morrisroe/Fauna & Flora International

A capacidade da humanidade de produzir esse material em escala industrial ultrapassa em muito a nossa capacidade de geri-lo, e, como consequência, o plástico está entulhando nossos rios e mares. Esse é particularmente o caso dos países mais pobres, onde a capacidade de gerir os resíduos é inevitavelmente suplantada pela quantidade massiva de plástico sendo usado. Isso, por sua vez, está causando doenças graves e até mesmo a morte de inúmeras pessoas e espécies selvagens, conforme descreve este relatório.

Obviamente, uma vez que o plástico atinge o mar, ele se torna um problema global – independentemente de sua origem. Para combater essa poluição, portanto, precisamos responder em escala global. Precisamos da liderança dos responsáveis pela introdução do plástico em países onde ele não pode ser adequadamente gerido e precisamos da ação internacional para apoiar as comunidades e os governos mais afetados por essa crise.

Se há uma coisa em que os seres humanos são competentes, é em encontrar soluções inteligentes para os problemas difíceis que enfrentamos. Já é hora de voltarmos nossa atenção para um dos problemas mais prementes da atualidade: evitar a crise da poluição plástica, não apenas pela saúde de nosso planeta, mas também pelo bem-estar das pessoas ao redor do mundo.

Sir David Attenborough, Vice-Presidente da Fauna & Flora International

A poluição causada pelo descarte de objetos de plástico é um dos desafios ambientais mais urgentes da atualidade. O Brasil está entre os países que mais produzem resíduos plásticos no mundo e, ao mesmo tempo, é um dos que menos recicla materiais.



© Francisco Bernardino/Missão Aliança no Brasil

O maior problema relacionado ao plástico no Brasil está associado ao seu uso excessivo e desnecessário – como o das embalagens plásticas de baixo custo e os canudos – e ao descarte inadequado – principalmente em córregos urbanos, rios e praias. É fácil constatarmos que o acúmulo de resíduos plásticos nas cidades contribui para o aumento de enchentes urbanas, além de servir de vetor de insetos e roedores, refletindo tanto na degradação ambiental quanto na saúde pública da população em geral, mais especialmente sobre os mais pobres.

O relatório “Não há tempo a perder: enfrentando a crise da poluição plástica antes que seja tarde demais”, ao mesmo tempo que nos conscientiza sobre essa gigantesca problemática, chama-nos também para o engajamento e mostra-nos caminhos práticos para a ação, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo.

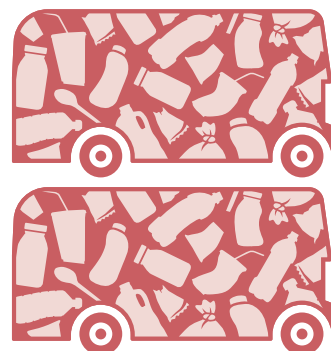
Enquanto cristão, acredito que a terra é de Deus (Salmo 24: 1), mas ele mesmo delega à humanidade a responsabilidade de preservá-la e desenvolvê-la em benefício de todos e para a sua glória (Salmo 115:16). Nós não podemos nos omitir frente a uma missão tão nobre. Quem declara amor por Deus deve também amar e cuidar de tudo o que ele criou. A tarefa já nos foi dada, e não há mais tempo a perder!

Paulo Roberto Valença C. de Araújo (Bebeto), Diretor da Missão Aliança no Brasil

TRÊS ESTATÍSTICAS CHOCANTES



...o Reino Unido joga fora o equivalente a dois ônibus de dois andares de resíduos plásticos

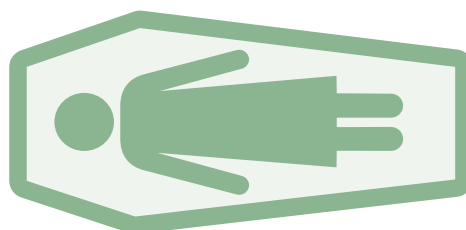


...o equivalente a 30 ônibus de dois andares de resíduos plásticos é queimado ou despejado nos países em desenvolvimento



...uma pessoa morre de doenças causadas por resíduos mal geridos

Doenças como a diarreia, a malária, doenças cardíacas e o câncer. Isso representa até um milhão de pessoas por ano.



SUMÁRIO EXECUTIVO

Este relatório¹ descreve a destruição ambiental, a doença, a mortalidade e os danos aos meios de vida que a crise da poluição plástica está causando. Ele descreve o problema – ou seja, o enorme aumento recente na produção e distribuição de plásticos de uso único e sua expansão por todo o mundo até em países que não possuem a capacidade para coletar, gerir e reciclar resíduos. E explica as soluções de forma detalhada.

A trajetória atual aponta para um aumento nas doenças e mortes desnecessárias, mais danos aos meios de vida e uma maior destruição do meio ambiente. Mas isso não precisa ser assim. Neste relatório, descrevemos os papéis e responsabilidades de quatro grupos que acreditamos ser fundamentais para enfrentar a crise da poluição plástica:

- empresas multinacionais de bens de consumo, que promovem a produção de embalagens plásticas de uso único e atualmente fazem pouco para coletar e gerir de forma sustentável os resíduos que criam;
- governos dos países desenvolvidos, que permitiram e incentivaram uma cultura “do descartável” e cuja resposta à crise nos países em desenvolvimento tem sido fraca até o momento;
- governos dos países em desenvolvimento,² cujos cidadãos são os mais gravemente afetados pela crise;
- cidadãos, que podem mostrar que há uma demanda avassaladora por mudança.

2

O problema mundial da poluição plástica

A poluição plástica está destruindo o nosso ambiente natural e prejudicando as pessoas mais pobres do planeta. Para cada pessoa nascida desde os anos 50, foi produzida uma tonelada de plástico, e menos de um décimo disso foi reciclado. Cerca de metade da quantidade dos resíduos plásticos que produzimos globalmente é de embalagens usadas apenas uma vez.

A produção está em uma curva ascendente: a menos que haja uma ação urgente, a produção global de plástico dobrará nos próximos dez ou quinze anos. Esse crescimento é mais rápido nos países menos capazes de lidar com ele. A geração total de resíduos dos países da África Subsaariana deverá triplicar até 2050.

A utilização crescente de plásticos de uso único nos países em desenvolvimento faz parte de uma crise de resíduos maior: níveis crescentes de geração de resíduos onde os sistemas de gestão de resíduos são inadequados ou inexistentes (e ambos fazem parte da crise maior de consumo excessivo). Dois bilhões de pessoas não possuem acesso à coleta de lixo sólido devidamente regulamentada, ou seja, uma em cada quatro pessoas no mundo, enquanto mais um bilhão de pessoas não possuem eliminação controlada de

1 Este é o Sumário Executivo de um relatório completo que, em breve, estará disponível em português. As referências de todas as estatísticas e fatos apresentados neste resumo podem ser encontradas no relatório completo. Veja www.tearfund.org/notimetowaste/PT

2 Reconhecemos as limitações desses termos – particularmente a ampla gama de circunstâncias econômicas incluídas no agrupamento de países de baixa, baixa-média e média-alta renda sob o rótulo “em desenvolvimento” – mas pensamos que, em termos gerais, esses são os melhores termos a serem usados a fim de manter a linguagem do resumo executivo clara e acessível. No restante do relatório, usamos os termos baixa, média e alta renda, porque muitas das análises que usamos (por exemplo, do Banco Mundial) usam esses descritores para agrupar os países.

lixo (o lixo pode ser coletado, mas é, então, descartado em algum lugar inseguro). Sem coleta ou eliminação adequada do lixo, as pessoas não têm outra opção senão queimá-lo ou despejá-lo. Nos países mais pobres, cerca de 93% do lixo é queimado ou despejado em estradas, áreas abertas ou cursos de água.

Os impactos da poluição plástica são alarmantes.

Destruição ambiental

A poluição plástica está ameaçando a saúde e o futuro dos nossos **oceanos e da vida marinha**. Cerca de 8 a 12,7 milhões de toneladas de lixo plástico pós-consumo mal administrado acabam nos oceanos a cada ano. Uma vez no oceano, o plástico não se biodegrada: ele simplesmente se divide em pedaços cada vez menores, que são facilmente confundidos com alimento. Os animais que ingerem plástico sofrem asfixia, perfuração do intestino, fome (como resultado de uma falsa sensação de saciedade) e redução de alimentação, crescimento e reprodução.

A ingestão de plástico por parte de animais marinhos também introduz substâncias perigosas nas cadeias alimentares marinhas, potencialmente concentrando e passando toxinas ao longo da cadeia alimentar, de presa para predador. Uma variedade de espécies marinhas enfrentam o risco adicional de se emaranharem em detritos plásticos maiores.

Em terra, o plástico polui os campos, os cursos de água, as sebes e as árvores por todo o mundo. As pilhas de poluentes e resíduos plásticos liberam um escoamento líquido tóxico chamado chorume, que pode contaminar o solo e as águas subterrâneas. O plástico também acarreta riscos significativos de ingestão, asfixia e emaranhamento para a vida selvagem. Há evidências que sugerem que os impactos dos microplásticos nos animais de água doce podem ser tão diversos e prejudiciais quanto os impactos nas espécies marinhas.

A poluição plástica também está contribuindo para a **mudança climática**. Enquanto a produção global de plástico emite 400 milhões de toneladas de gases de efeito estufa a cada ano (mais do que a pegada de carbono total do Reino Unido), de acordo com o Banco Mundial, os resíduos sólidos foram responsáveis por mais 5% das emissões globais em 2016. O valor real pode ser muito mais alto: as emissões da queima de resíduos em quintais não são incluídas nos inventários de emissões mais atuais, apesar de as pesquisas revelarem que, em vários países em desenvolvimento, elas tornam insignificantes todas as outras fontes de emissões de carbono juntas.



📷 Uma mulher e seu bebê, com a queima de lixo em segundo plano, no Distrito de Mocuba, em Moçambique.
Foto: Ralph Hodgson/Tearfund

Uma emergência de saúde pública



📷 O rio Tejiptó, em Recife, no Brasil, está entupido com resíduos plásticos. O parceiro da Tearfund, o Instituto Solidare, possui um projeto chamado "Rio limpo, cidade saudável", que está trabalhando para limpar o rio. Foto: Moises Lucas Lopes da Silva/Tearfund

A poluição plástica está criando uma crescente emergência de saúde pública em muitas cidades ao redor do mundo. Uma nova pesquisa da Tearfund sugere que **entre 400.000 e 1 milhão de pessoas morrem a cada ano nos países em desenvolvimento devido a doenças relacionadas com os resíduos mal geridos.**³ No pior cenário, isso representa uma pessoa a cada 30 segundos. Os resíduos mal geridos, inclusive os plásticos, prejudicam a saúde das pessoas nos países em desenvolvimento das seguintes formas:

- **Eles obstruem cursos de água e entopem os bueiros, o que provoca inundações, resultando em doenças transmitidas pela água e mortes por afogamento.**
- **Eles criam um local de reprodução** para moscas, mosquitos e vermes transmissores de doenças. Certos mosquitos transmitem a **malária e a dengue**. As moscas são portadoras e transmissoras de várias doenças, como a **febre tifoide e a tuberculose**, enquanto que os ratos disseminam a **raiva e a peste**.
- **Eles duplicam a incidência de doenças diarreicas** em pessoas que vivem em meio a resíduos mal geridos. A doença diarreica é a segunda principal causa de morte em crianças menores de cinco anos de idade.
- **Eles são queimados a céu aberto, liberando poluentes** que aumentam o risco de enfermidades, como **doenças cardíacas e câncer**, doenças respiratórias, doenças dermatológicas e oculares, náuseas e dores de cabeça, bem como danos aos sistemas reprodutivo e nervoso. A poluição do ar externa é responsável por 3,7 milhões de mortes por ano, e estimativas recentes sugerem que a queima de resíduos a céu aberto pode ser responsável por até um quinto desse número de mortes.
- **Eles representam riscos diretos à vida através dos grandes lixões informais.** Em 2017, os deslizamentos de terra em locais de despejo de lixo foram responsáveis por mais de 150 mortes registradas.
- **Eles poluem a água e o solo e entram na cadeia alimentar.** Grande parte do plástico presente na água e na terra desintegra-se em pequenos pedaços. O microplástico está entrando na cadeia alimentar e sendo ingerido pelos seres humanos. Os impactos na saúde ainda são desconhecidos.

3 Isso inclui todos os tipos de resíduos sólidos urbanos – orgânicos, papel, papelão, metais, vidro e plásticos.

Meios de vida prejudicados

A poluição plástica também está prejudicando os meios de vida e reduzindo o crescimento nos países em desenvolvimento. O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) estima que os custos econômicos (por exemplo: perdas de receita para as indústrias da pesca, da aquicultura e do turismo marítimo) associados à poluição plástica de consumo nos oceanos sejam de 13 bilhões de dólares por ano.

A poluição plástica prejudica os meios de vida agrícolas. Estudos constataram que, nos países em desenvolvimento, até um terço do gado e metade da população caprina consomem quantidades significativas de plástico. Quando os animais engolem plástico, este não se decompõe no trato digestivo, levando a inchaço, a uma série de efeitos adversos à saúde e, por fim, à morte por inanição, com consequências econômicas terríveis para os criadores de animais.

A poluição plástica prejudica os meios de vida relacionados com a pesca. Cerca de 820 milhões de pessoas dependem direta e indiretamente da pesca como fonte de renda para sustentar sua segurança alimentar. Apesar disso, muito pouca pesquisa foi realizada para avaliar o impacto da poluição plástica nas comunidades pesqueiras.

A poluição plástica representa uma ameaça existencial para os meios de vida relacionados com o turismo. As comunidades que dependem do turismo dos recifes de corais são particularmente vulneráveis à poluição plástica. De acordo com o PNUMA, pelo menos 275 milhões de pessoas dependem diretamente dos recifes para seu meio de vida e sustento.

Um alerta: é hora de agir

A poluição plástica causa impacto direto em mais da metade dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): eles simplesmente não serão alcançados se a crise não for enfrentada. São necessárias medidas urgentes para lidar, a montante, com os impulsionadores da poluição do plástico de uso único – isto é, a geração de embalagens plásticas – e, a jusante, na coleta e na gestão dos resíduos plásticos. Essa crise é complexa, mas, se todos os responsáveis tomarem as medidas necessárias, ela poderá ser resolvida. Este relatório identifica quatro grupos de partes interessadas que possuem um papel a desempenhar no combate à crise da poluição plástica. A responsabilidade primária é claramente das empresas multinacionais e dos governos dos países desenvolvidos. No entanto, também destacamos os papéis importantes de dois outros grupos. Embora os governos dos países em desenvolvimento e os cidadãos de todo o mundo tenham colaborado menos para criar o problema, eles representam uma parte importante da solução.

O importante papel dos catadores de materiais recicláveis

Em muitos locais sem sistemas formais de coleta e gestão de resíduos, os catadores de materiais recicláveis costumam desempenhar um papel importante na classificação e reciclagem dos resíduos. Esses grupos podem ter um alto nível de empreendedorismo, resiliência e engenhosidade. No entanto, seu trabalho é informal e enfrenta desafios consideráveis, entre eles, condições insalubres, falta de segurança social ou plano de saúde e marginalização social. O trabalho em si também é extremamente perigoso. Em vários países, as iniciativas que trabalham com os catadores e os apoiam resultaram em uma expansão dramática na coleta de resíduos, bem como na melhoria de seus meios de vida, segurança no local de trabalho e senso de dignidade. Ao considerar as soluções para a crise da poluição plástica, é vital que todas as iniciativas de gestão de resíduos tratem os catadores de materiais recicláveis como uma das principais partes interessadas e procurem trabalhar em parceria com eles.



É necessária uma ação urgente para enfrentar a crise dos resíduos. Foto: Hazel Thompson/Tearfund

Empresas multinacionais de bens de consumo

As empresas multinacionais de bens de consumo têm a maior responsabilidade pela crise dos resíduos plásticos por impulsionarem a produção de embalagens plásticas de uso único e por fazerem pouco para coletar e gerir de forma sustentável os resíduos que criam. Um pequeno número de empresas domina o mercado de bens de grande consumo, tanto no Reino Unido como no exterior. A Coca Cola, por exemplo, vende mais bebidas na África do Sul do que no Reino Unido e mais na Índia do que em qualquer outro país da Europa. E essas empresas estão empenhadas em continuar se expandindo nos mercados emergentes. No entanto, as evidências – entre elas, várias auditorias de resíduos e de marca, e a pesquisa da Tearfund e da WasteAid Survey on the impacts of plastic pollution on poverty (Pesquisa sobre os impactos da poluição plástica na pobreza) – sugerem que elas se encontram no topo da lista dos poluidores de plástico.

Ao longo das décadas, as grandes multinacionais deixaram as embalagens reutilizáveis e recicláveis e passaram para um modelo descartável. Esses produtos são promovidos em países onde há pouca ou nenhuma capacidade para coletar ou gerir resíduos. Como resultado, grandes quantidades de plástico acabam entupindo os bueiros, produzindo gases tóxicos em fogueiras em quintais ou entulhando o meio ambiente.

Alguns elementos da indústria também resistiram aos esforços legislativos para responsabilizá-la pelo lixo que ela cria, como, por exemplo, opondo-se à “Responsabilidade Estendida do Produtor” (REP), liderada pelos governos, que exige que os fabricantes e varejistas paguem os custos da gestão no final da vida dos seus produtos (os sistemas de depósito-retorno são um exemplo disso).

No entanto, nos últimos anos, com a mudança de atitude do público em relação à poluição plástica, os governos têm sido encorajados a criar leis. E as multinacionais – pelo menos em sua retórica – também começaram a reconhecer que o problema existe, assumindo uma série de novos compromissos voluntários para lidar com a poluição do plástico de uso único, tais como o Compromisso Global por uma Nova Economia do Plástico, lançado em outubro de 2018. Algumas dessas iniciativas são um passo à frente e podem representar um desejo de que as empresas usem sua influência global para o bem. No entanto, os compromissos são relativamente vagos e fracos e tendem a se concentrar na reciclagem, ao invés de na redução do uso de plásticos de uso único. E, embora algumas empresas tenham divulgado sua pegada global de plástico anual em volumes, como parte do Compromisso Global, é necessário que haja urgentemente uma divulgação de país por país sobre o número de unidades vendidas, para que possamos ver a escala do problema

e o progresso que está sendo feito nos países em desenvolvimento. Como poderemos saber se as empresas estão mudando suas práticas se não soubermos quanto plástico elas estão produzindo? É necessária uma ação muito mais forte por parte das multinacionais para romper o elo entre o plástico e a pobreza e conter a inundação de plástico que está enchendo os oceanos. As multinacionais não podem e não devem esperar que os governos criem leis: elas têm a capacidade, os recursos e os sistemas para agir agora.

RECOMENDAÇÕES

As corporações multinacionais devem:

- Informar, até 2020, o número de unidades de produtos plásticos de uso único que utilizam e vendem *em cada país*.
- Reduzir essa quantidade pela metade, país por país, até 2025, e, em vez disso, utilizar métodos de entrega ambientalmente sustentáveis, tais como recipientes reutilizáveis.
- Reciclar os plásticos de uso único que vendem em países em desenvolvimento, garantindo que, até 2022, para cada recipiente de plástico vendido, um seja coletado, como parte de sistemas adequados de coleta, reutilização, reciclagem e compostagem em comunidades que atualmente não possuem esses sistemas.⁴
- Restaurar a dignidade através do trabalho em parceria com os catadores de materiais recicláveis a fim de criar empregos sem riscos de saúde e segurança. Em todo o mundo, há inúmeros exemplos de empresas que fazem parcerias com catadores para estabelecer sistemas de coleta e reciclagem bons para a sociedade e para o meio ambiente.
- Redefinir a forma como seus produtos são entregues. Inovar e explorar modelos de negócios que não prejudiquem as pessoas, a terra ou os oceanos.

Governos dos países desenvolvidos

Os governos dos países desenvolvidos também são uma parte fundamental do problema. A poluição plástica é uma consequência do modelo "extrair, produzir, descartar" do desenvolvimento econômico criado e exportado pelos países desenvolvidos. O uso de plásticos também é impulsionado por subsídios: o plástico virgem é feito de petróleo bruto e gás natural, e as indústrias de combustíveis fósseis recebem enormes subsídios que diminuem o preço do plástico. Muitos governos de países desenvolvidos não fizeram o suficiente até agora (como, por exemplo, na forma de proibições, regulamentações e leis) para combater o problema da poluição plástica.

Além disso, por anos, muitos países desenvolvidos, confrontados com o problema do excesso de resíduos plásticos, com a pouca capacidade de reciclar e com a falta de demanda por plástico reciclado, têm exportado o problema para os países mais pobres como principal estratégia para lidar com os resíduos domésticos pós-consumo. Atualmente, não há nenhum mecanismo para que os países de origem sejam responsabilizados pelos impactos dos resíduos plásticos exportados para a reciclagem em outros países, particularmente em países menos capazes de gerir resíduos.

⁴ As empresas multinacionais frequentemente argumentam que os governos devem estar envolvidos para que os sistemas de coleta funcionem de forma eficaz, mas a experiência na África do Sul mostra que esse não é o caso. Foram estabelecidos programas de REP eficazes, liderados pela indústria para latas, vidro e PET pelas respectivas indústrias, o que aumentou drasticamente o índice de coletas – veja o capítulo 8 do relatório completo.

A resposta dos países desenvolvidos à crise nos países em desenvolvimento também tem sido fraca. A gestão dos resíduos sólidos não tem sido uma prioridade para a ajuda internacional – apenas 0,3% da Assistência Oficial ao Desenvolvimento (AOD) é gasta na gestão de resíduos.

No entanto, a AOD nesta área representa uma enorme e altamente inexplorada oportunidade para acelerar o progresso em direção aos ODS.

RECOMENDAÇÕES

Os governos dos países desenvolvidos devem:

- Eliminar gradualmente o uso de subsídios para os combustíveis fósseis, inclusive apoio fiscal e os financiamentos públicos, que ajudam a impulsionar a crescente produção de plástico virgem.
- Aumentar o volume de ajuda para a gestão de resíduos de 0,3% para 3%, o que poderia permitir que todos os dois bilhões de pessoas atualmente sem coleta de lixo sejam alcançadas. A AOD deve se concentrar na capacitação dos governos para reduzir a geração de embalagens plásticas de uso único desnecessárias e estender os serviços de coleta e gestão de resíduos a todos.
- Evitar o investimento em projetos “elefantes brancos” em países em desenvolvimento, tais como a incineração, que ameaça os meios de vida dos catadores, não é adequada para fluxos de resíduos com alto conteúdo orgânico e exige altos níveis de capacidade institucional para uma administração eficaz.
- Priorizar a assistência técnica aos governos dos países em desenvolvimento para:
 - desenvolver e implementar medidas legais e fiscais para proibir ou reduzir o plástico desnecessário, problemático e não reciclável;
 - implementar esquemas de REP localmente apropriados para garantir que as empresas que se beneficiam do plástico de uso único contribuam para a sua gestão;
 - melhorar a governança da gestão de lixo e o ambiente propício para a gestão eficaz dos resíduos;
 - ampliar as abordagens de reciclagem comunitárias contextualmente relevantes.
- Assegurar que a exportação de resíduos domésticos de suas nações seja minimizada e, caso sejam exportados resíduos plásticos, que haja instalações adequadas de reciclagem nos países de destino.
- Apoiar os países em desenvolvimento para que eles desenvolvam estratégias nacionais para plásticos e resíduos, com objetivos e instrumentos de políticas para cada área da hierarquia de resíduos. Isso deve incluir apoio a planos de ação para plásticos específicos a fim de evitar a poluição e ajudar a reduzir a produção de plásticos problemáticos, não essenciais e não recicláveis.

Governos dos países em desenvolvimento

Os governos dos países em desenvolvimento têm um papel fundamental a desempenhar a montante, na regulamentação do plástico produzido e utilizado no país e, a jusante, a fim de garantir a gestão sustentável dos resíduos. Os governos dos países em desenvolvimento muitas vezes carecem de recursos, mas também é justo dizer que a gestão de resíduos muitas vezes não é uma prioridade. Isso está começando a mudar, e muitas das soluções estão sendo exploradas no Sul Global, pelas nações e comunidades mais afetadas por essa crise. Por exemplo, um número crescente de países, entre eles, Ruanda e o Quênia, possuem proibições ou impostos para sacolas plásticas de uso único, muitos desses tendo sido introduzidos nos últimos três anos. Há também exemplos – como na África do Sul – de programas bem-sucedidos de Responsabilidade Estendida do Produtor, em que os governos têm trabalhado com as empresas para aumentar sua responsabilidade pela coleta e processamento dos resíduos que elas criam.

RECOMENDAÇÕES

Os governos dos países em desenvolvimento devem:

- Definir uma estratégia nacional para os plásticos e os resíduos, com metas e instrumentos de políticas para cada área da hierarquia de resíduos.
- Limitar as piores formas de plástico de uso único e incentivar o design de produtos inovadores que reduzam o uso de plástico.
- Trabalhar com as empresas para aumentar sua responsabilidade pela coleta e processamento dos resíduos que elas criam (REP) e exigir que publiquem dados sobre a quantidade de embalagens de plástico que distribuem.
- Estabelecer um quadro inclusivo para a gestão de resíduos, que:
 - esclareça os papéis das agências governamentais, do governo local, das empresas e da sociedade e estabeleça medidas para promover a transparência e a prestação de contas;
 - forme parcerias com os catadores de materiais recicláveis informais, fornecendo os instrumentos e o suporte técnico necessários para que o governo local entre em acordo com esses grupos e oferecendo apoio aos catadores para que se organizem em associações e cooperativas;
 - inclua mecanismos para que as comunidades locais monitorem e se envolvam na coleta de lixo;
- Aumentar os recursos políticos e financeiros disponíveis para a gestão do lixo, tanto em âmbito municipal quanto nacional, e trabalhar com doadores para alocar mais fundos para esta área. O foco deve estar na exploração de soluções inclusivas e de baixo custo (como várias nações já estão fazendo).

Cidadãos

Os cidadãos também têm um papel a desempenhar, usando sua voz e ação para persuadir os governos e as empresas a fazer as mudanças descritas neste relatório.

As ações de estilo de vida que reduzem o uso dos plásticos de uso único ajudam a reduzir a geração de resíduos plásticos. Fazendo-se mudanças e falando-se sobre elas, é possível alterar as normas sociais, o que também abre um espaço político para que os governos e as empresas multinacionais atuem.

RECOMENDAÇÕES

Os cidadãos devem:

- Exigir que as empresas e os governos prestem contas de suas responsabilidades no combate à crise da poluição plástica, começando por aderir à campanha da Tearfund, que pede às multinacionais que se responsabilizem pelo plástico que produzem nos países em desenvolvimento – www.tearfund.org/rubbishcampaign
- Escrever ao seu representante eleito dizendo-lhes quais são suas preocupações em relação aos resíduos plásticos e pedindo-lhes que tomem medidas.
- Participar de iniciativas comunitárias para lidar com os resíduos plásticos, tais como coletas de lixo comunitárias ou limpezas de praias locais.
- Reduzir o uso de plásticos de uso único sempre que possível, como, por exemplo:
 - usar garrafas de água reutilizável, sacolas reutilizáveis e copos reutilizáveis ao comprar bebidas quentes “para viagem”;
 - cortar itens não essenciais, como cotonetes, glitter, copos, pratos e talheres de plástico e canudos de plástico;⁵
 - comprar produtos alimentares e de higiene pessoal com menos ou sem embalagem, se possível, como, por exemplo, legumes soltos em vez de legumes embalados em plástico, sabão não embalado, etc.;⁶
 - comprar de empresas éticas, que estejam comprometidas (genuinamente) em reduzir o uso de plástico.

5 Com exceção das pessoas com deficiências específicas que exigem o uso de canudos.

6 Plásticos de base biológica, “biodegradáveis” ou compostáveis não são uma solução para a crise da poluição plástica, pois apresentam riscos ao meio ambiente semelhantes aos dos plásticos convencionais e podem propagar fluxos de materiais lineares que prejudicam a transição para uma economia circular.

ENDOSSO

Este relatório foi adequadamente intitulado devido à necessidade urgente de enfrentar o problema da poluição plástica – imediatamente. Para a cidade de Jos, onde moro, ontem foi a melhor hora para agir, mas hoje terá de ser a próxima melhor opção. Este relatório descreve os perigos presentes e previsíveis da poluição plástica, especialmente para as comunidades pobres e em desenvolvimento e em países como o meu. Continuar ignorando esse problema crescente é o mesmo que reconhecer que o florescimento da vida e o desenvolvimento humano não têm valor algum na época atual. Precisamos prestar atenção e agir.

Ulan Garba Matta, escritora, cineasta e líder de equipe do Jos Green Center, em Jos, na Nigéria

Enquanto lia o relatório *Não há tempo a perder: enfrentando a crise da poluição plástica antes que seja tarde demais*, eu me encontrava sentado no avião, com um copo de plástico, uma colher de plástico, uma faca de plástico, um garfo de plástico, um prato de plástico e comida em embalagens de plástico na minha frente. Todo esse plástico era para uso único. Podemos e devemos organizar a nossa vida de maneira diferente e melhor. As consequências do uso irresponsável do plástico são seriamente prejudiciais para as pessoas e para o planeta, como mostra claramente este relatório. Infelizmente, o passar do tempo não afeta o plástico, mas a humanidade não pode mais negar a necessidade de ação urgente. Portanto, realmente... não há tempo a perder.

Janez Potočnik, Copresidente do Painel Internacional de Recursos e ex-Comissário da UE para o Ambiente

Este relatório oportuno é um importante e urgente chamado à ação para as empresas multinacionais e os governos dos países desenvolvidos a fim de combater a calamidade dos plásticos nos países mais pobres. Em vista dos danos chocantes que a poluição plástica está causando, por todo o mundo, ao nosso meio ambiente, à nossa saúde e aos meios de vida das comunidades, simplesmente não temos tempo a perder.

Kerry McCarthy, Membro do Parlamento, Partido Trabalhista, Reino Unido

No Reino Unido, muitas pessoas despertaram para a crise da poluição plástica, e algumas empresas já começaram a reduzir as embalagens plásticas. O governo britânico já tomou algumas medidas claras e possui mais ações planejadas. No entanto, globalmente, há uma necessidade de ação muito mais urgente. Em muitos países em desenvolvimento, os plásticos descartados entopem os bueiros, causam inundações e exacerbam a disseminação de doenças. O descarte descontrolado de plástico envenena a vida selvagem, e a queima de plástico a céu aberto pode causar uma poluição do ar perigosa. Esses problemas podem ser resolvidos, mas precisaremos dos governos, das empresas e dos habitantes locais para trabalharmos juntos e alcançarmos essa mudança. Obrigado por este relatório, que ilumina e mostra um caminho a seguir.

Vicky Ford, Membro do Parlamento, Partido Conservador, Reino Unido

Este relatório oportuno chama a atenção para o escândalo da crise global dos resíduos. Estender a coleta de lixo sólido a todos e eliminar o despejo e a queima a céu aberto melhorará a saúde e os meios de vida de bilhões das pessoas mais pobres do mundo e reduzirá pela metade a quantidade de plástico introduzido nos oceanos. Juntos, podemos fazer com que isso aconteça.

*David C Wilson, Professor Visitante de Gestão de Resíduos e Recursos do Imperial College London.
Principal autor do Global Waste Management Outlook inaugural do PNUMA e da ISWA. Último
Presidente da CIWM, o órgão profissional do Reino Unido para recursos e resíduos.*

“Não há tempo a perder” – que título perfeito para este relatório sobre como lidar com o pesadelo da poluição plástica. Tem havido chamados urgentes provenientes de todas as partes, inclusive da Organização das Nações Unidas, mas o que é necessário é que as empresas, os governos e as comunidades assumam a responsabilidade, inclusive apoio para as iniciativas de âmbito micro que puderem implementar essas medidas. Este é um alerta para vários contextos, seja no mundo desenvolvido ou no mundo em desenvolvimento, e o problema precisa ser seriamente abordado. A situação está ficando fora de controle, como vemos na Índia, e as pessoas mais pobres são as que mais estão sofrendo. Dou os parabéns às organizações que produziram este estudo e as questões nele abordadas. Vamos agir!

Dr. Ken Gnanakan, Presidente Fundador do ACTS Group of Institutions, Bangalore, Índia

“Já é hora de voltarmos nossa atenção para um dos problemas mais prementes da atualidade: evitar a crise da poluição plástica, não apenas pela saúde de nosso planeta, mas também pelo bem-estar das pessoas ao redor do mundo.”

SIR DAVID ATTENBOROUGH

tearfund

learn.tearfund.org

100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido
T +44 (0) 20 3906 3906 E publications@tearfund.org

Registrada na Inglaterra sob o nº 994339. Uma companhia limitada por garantia.
Organização beneficente registrada sob o nº 265464 (Inglaterra e País de Gales) e sob o nº SC037624 (Escócia).

32121-P (0519)